



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 1602 /18.

AUTOR: Vereador e 2º Secretário Edson Hel

DESPACHO:

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 23 OUT. 2018

Presidente

Requeiro, nos termos do **Artigo 211-A**, do **Regimento Interno**, que fique constando nos anais desta Casa de Leis a matéria publicada no jornal "Folha da Cidade" deste município, em sua edição de 21 de outubro de 2018, página 03, sob o Título "**O que Araraquara tem a ver com o incêndio do Museu Nacional?**".

Dê-se conhecimento desta deliberação a direção do jornal Folha da Cidade.

Sala de sessões Plínio de Carvalho, 23 de Outubro de 2018.


Edson Hel
Vereador





CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 1602 /18.

AUTOR: Vereador e 2º Secretário Edson Hel

DESPACHO:

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 23 OUT. 2018

Presidente

Requeiro, nos termos do **Artigo 211-A**, do **Regimento Interno**, que fique constando nos anais desta Casa de Leis a matéria publicada no jornal "Folha da Cidade" deste município, em sua edição de 21 de outubro de 2018, página 03, sob o Título "**O que Araraquara tem a ver com o incêndio do Museu Nacional?**".

Dê-se conhecimento desta deliberação a direção do jornal Folha da Cidade.

Sala de sessões Plínio de Carvalho, 23 de Outubro de 2018.


Edson Hel
Vereador

O que Araraquara tem a ver com o incêndio do Museu Nacional?

NA COLEÇÃO DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO ESTAVAM DEPOSITADAS VÁRIAS LAJES DE ARENITO PROVENIENTES DE ARARAQUARA



Primeira visita de Marcelo Adorna ao Museu Nacional em 1992

Colaboração:
CÉLIA PIRES

Através do Professor Alcyr Azzoni, geógrafo professor aposentado da FCL Unesp Araraquara e Uniara descobrimos o professor Marcelo A. Fernandes que trabalhou no Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Quinta da Boa Vista.

Como foi amplamente divulgado o local sofreu um incêndio de grandes proporções no início de setembro deste ano e perdeu mais de 20 milhões de itens. O que pouca gente sabe é que lá também tinha uma parte da história de Araraquara.

Convidado pela Folha da Cidade para falar a respeito do incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro e sua relação com a cidade de Araraquara, Fernandes aceitou, mas se desculpou pela demora em responder a entrevista, pois estava difícil colocar em palavras toda sua angústia pelo que ocorreu com o Museu Nacional:

Folha da Cidade: *Como foi a sua experiência de vivenciar o trabalho no Museu, de que maneira se envolveu com a instituição e o que fazia lá? Foi como aluno, professor ou pesquisador?*

Dr. Marcelo Adorna Fernandes: O Museu Nacional, além de um espaço expositivo, era um centro de referência e pesquisa onde vários estudantes, professores e pesquisadores desenvolviam seus projetos nas diversas áreas do conhecimento, desde as Ciências Naturais até Antropologia e História. Eu acabei me envolvendo com o Museu Nacional na qualidade de aluno do curso de Doutorado em Geociências, com ênfase

em Paleontologia. Meu vínculo se deu com a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, do ano de 2001 a 2005, instituição à qual o Museu Nacional pertence. Mais tarde retornei várias vezes como visitante e também pesquisador, neste caso como professor e paleontólogo da Universidade Federal de São Carlos. Eu analisei várias amostras de rochas contendo fósseis, para desenvolver o meu doutorado e posteriormente, também enviei alunos para lá, agora na qualidade de orientador, para também estudarem o material depositado no Museu Nacional.

Além disso, fiz vários amigos no Museu Nacional, que trabalhavam nas coleções ou como professores e pesquisadores. As salas de vários docentes da área de Geologia e Paleontologia abriam as suas portas e janelas para a área do jardim central, carinhosamente apelidado de Jardim das Princesas, lugar onde a Princesa Isabel e a Princesa Leopoldina, filhas de Dom Pedro II e da Imperatriz Thereza Christina se refrescavam nos idos de 1860. Neste local, muitas conversas e devaneios científicos aconteciam, um lugar para tranquilizar o dia a dia agitado do Rio de Janeiro.

Folha da Cidade - *Temos a informação de que algumas peças ou documentos de Araraquara podem ter sido destruídos, ou se não foram, a importância de se ter alguma coisa da cidade em um lugar que em termos de museu era (e é) uma vitrine para o segmento de uma grande relevância. Quais seriam esses documentos ou objetos?*

Dr. Marcelo Adorna

Fernandes: Na coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro estavam depositadas várias lajes de arenito provenientes de Araraquara.

Lembrando da importância desse material: a região de Araraquara pertencia ao maior deserto de areia da história do Planeta, há aproximadamente 140 milhões de anos, com mais de um milhão e quinhentos mil quilômetros quadrados de dunas. Neste ambiente viviam desde pequenos invertebrados até mamíferos e dinossauros. Suas pegadas ficaram preservadas nas areias que se transformaram em rocha, o arenito Botucatu, amplamente utilizado para pavimentação das vias públicas da cidade e que ainda mantém alguns vestígios dessa vida primitiva, com várias pegadas espalhadas pelo calçamento.

Foi na década dos anos 1970 que um padre e paleontólogo italiano, Giuseppe Leonardi recolheu parte desse material de Araraquara e enviou ao Museu Nacional. Incluíve a primeira laje com pegadas, que foram batizadas para caracterizar um bicho brasileiro do Período Cretáceo, o *Brasilichnium elusivum* (pegadas de um mamífero brasileiro), que se tornou uma referência nacional e internacional, para pesquisas paleontológicas. Esse material de Araraquara não estava na área de exposições, mas na Reserva Técnica, catalogado e armazenado no setor de Geologia e Paleontologia, o último a ser consumido pelas chamas do incêndio.

Mantínhamos contatos com vários pesquisadores do Museu Nacional, inclusive com o atual diretor Dr. Alex Kellner, que também é paleontó-

logo e havia nos solicitado que depositássemos parte de nossa coleção de icnofósseis provenientes de Araraquara, lá no Museu. “Ainda bem que não foi”.

A curadora da coleção de paleontologia do Museu Nacional, Dra. Deise Dias Rêgo Henriques, procedeu ao tombamento das peças com a numeração e registro da sequência MN 6051-V até MN 6073-V (*), ou seja, eram 22 peças com pegadas fósseis encontradas em Araraquara. Inclusive a primeira laje que deu origem ao estudo dos icnofósseis (vestígios preservados em rocha da atividade de organismos pré-históricos) de Araraquara. “Com importância científica e histórica para a paleontologia brasileira e que remete à Morada do Sol”!

(*): Siglas:
MN=Museu Nacional
V=Vertebrado

Folha da Cidade - *Lógico, que dizer da importância de um museu como esse, aliás, todo e qualquer museu que preserva a história é redundante, mas para o senhor qual o significado dessa perda tão grande?*

Dr. Marcelo Adorna Fernandes: Desde décadas, vários diretores do Museu Nacional já apontavam e denunciavam necessidades quanto à manutenção, pois havia infiltrações nas paredes, mofo, fiação elétrica incompatível com a demanda dos equipamentos instalados para as pesquisas, etc. Sempre houve a necessidade de recursos para que projetos de segurança contra incêndios, reparos e expansão das exposições no Palácio fossem executados. Também existia a solicitação permanente



Professor Marcelo no Museu Nacional do Rio de Janeiro

para a construção de novos prédios anexos para administração, pesquisa e a guarda das coleções e nada foi feito. Poucos recursos chegavam ao Museu Nacional que possibilitassem o mínimo de manutenção.

“O Brasil cometeu um crime contra o patrimônio da humanidade!”

Majestoso e imponente Palácio de São Cristóvão, um dia fora a alma do Império brasileiro, hoje jaz em ruína toda a sua história. Ficará na memória ... lembrando que a perda não é só da exposição única e exclusiva, mas de toda a Reserva Técnica, material Tipo, acervo bibliográfico e a originalidade de um prédio que é nossa referência histórica.

Folha da Cidade - *Nós que estamos apenas assistindo ou visitando não fazemos ideia ou não mensuramos uma perda como essa. Qual seu sentimento?*

Dr. Marcelo Adorna Fernandes: Além das coleções fantásticas e únicas. Perde-se também a história que aquele prédio representava. Dá desgosto, pois pouquíssimas pessoas valorizavam aquele lugar como uma identidade Nacional. Importante para nossa história, importante para a ciência, importante para a memória brasileira.

Meu sentimento atual é um misto de indignação e revolta por perdermos mais uma parte de nossa identidade histórica e também o importante acervo científico e cultural.

Esse lugar era inspirador. Quanta história e pré-história juntas, com valor mundial, perdida para sempre. É como se cada um de nós morrês-

semos um pouquinho, por falta de saúde, educação, cultura, lazer, ciência, abandonados pelo descaso de uma classe política, que sequer sabia da importância do acervo do Museu Nacional para a humanidade.

Cientistas e personalidades ilustres visitaram e caminharam pelos corredores do Museu Nacional, como Albert Einstein, Marie Curie e Juscelino Kubitschek, o único governante do Período Republicano a visitar o Museu Nacional!

É um total abandono pelo Estado brasileiro. No dia 02 de setembro de 2018 morreu, junto com o Museu Nacional, uma esperança de um País que poderia ser curado da doença da ignorância.

Folha da Cidade - *Podemos cobrar! Cobrar do Poder Público a valorização do patrimônio de cada lugar. Patrimônio material e imaterial, desde as Casas de Cultura até os Museus Municipais, com abaixo assinados para manutenção de acervos e reformas, mas principalmente frequentando estes espaços. No entanto, o mais importante a fazermos, por nós e pelo futuro da humanidade, é nos apossarmos do conhecimento. Um povo que lê dificilmente se deixa levar por opiniões formadas e por falsas afirmações. O conhecimento é importantíssimo, para a manutenção de uma sociedade sadia e os museus contribuem imensamente para isso.*

Inovação social e velhice são temas de evento promovido pela UFSCar

Nos dias 23 e 24 de outubro acontece a VI Jornada de Estudos em Gerontologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O tema central desta edição é “Diálogos sobre inovação social e velhice”, e o evento é aberto a profissionais, estudantes, pesquisadores e a todo o público interessado. As inscrições

são gratuitas e podem ser feitas pela Internet ou no dia do evento.

O objetivo da Jornada é promover reflexões e disseminar conhecimento sobre inovação social na velhice no contexto da promoção do envelhecimento ativo, explorando dimensões do trabalho, tecnologia, saúde, esporte, lazer, arte e cultura. Além disso, a ideia é propor

cionar espaços de reflexão sobre Gerontologia entre profissionais de diversos segmentos, gestores e a comunidade local.

A programação inclui palestras, mesas-redondas e intervenções artístico-culturais, bem como apresentação de trabalhos em formato de comunicação oral. As atividades serão realizadas no Núcleo de Formação

de Professores, que fica na área Norte do Campus São Carlos da UFSCar, e no Teatro do Sesc-São Carlos. A programação está disponível no site www.observatorioenvelhecimentoativo.ufscar.br.

A iniciativa é do Observatório do Envelhecimento Ativo e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Gerontologia Social (NIEPGS), ambos da UFSCar, em par-

ceria com o Sesc-São Carlos. O evento tem apoio da Pró-Reitoria de Extensão (ProEx) e do Departamento de Gerontologia (DGero) da UFSCar, da Associação de Pesquisas e Estudos sobre Envelhecimento (Aspen), da Associação Paulista de Saúde Pública (SPSP), núcleo São Carlos, e da Associação Brasileira de Gerontologia (ABG), além do apoio das associações estu-

dantis integradas ao curso de Gerontologia da Universidade.

INSCRIÇÕES

O prazo para submissão de trabalhos já foi encerrado. As inscrições para participação como ouvinte podem ser feitas até 22 de outubro, no site www.datatrend.ufscar.br, ou no primeiro dia do evento.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA
COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO

PARECER Nº 407 /2018

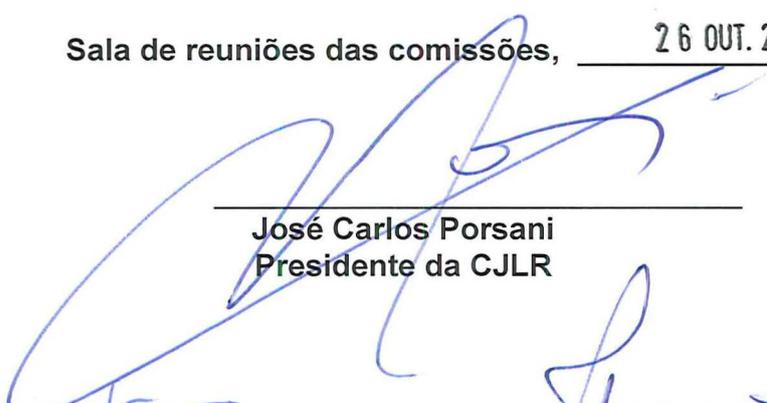
Através do presente requerimento nº 1602/2018, pretende o Vereador Edson Hel, que fique constando nos anais desta Casa de Leis a matéria publicada no jornal "Folha da Cidade" deste município, em sua edição de 21 de outubro de 2018, página 03, sob o Título "O que Araraquara tem a ver com o incêndio do Museu Nacional?"

A matéria se enquadra no disposto pelo Artigo 211-A, do Regimento Interno desta Casa de Leis.

Somos favoráveis à inserção requerida.

É o parecer, s.m.j.

Sala de reuniões das comissões, 26 OUT. 2018



José Carlos Porsani
Presidente da CJLR



Cabo Magal Verri



Thainara Faria